

RADAR

SAÚDE ■ FAVELA

edição 21

Dez 2022

Literatura,
Periferia
e Saúde



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Imagem: Acervo Periferia Que Lê

SUMÁRIO

3 APRESENTAÇÃO

4 DEBATES

5 CARTA DA PERIFERIA BRASILEIRA DE LETRAS À SOCIEDADE
E À POLÍTICA BRASILEIRA
Periferia Brasileira de Letras

14 O FAZER LITERÁRIO NÃO SE RESTRINGE ÀS LETRAS
IMPRESSAS EM LIVROS
Jucelino Sales e Luiz Eduardo de Almeida Souza

27 MEMÓRIA

28 A LITERATURA VAI SALVAR A PERIFERIA
Edson Santana

34 ENSAIOS

35 SLAM, A LIBERDADE É REVOLUCIONÁRIA
Lara Nunes

46 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS, MULHERES E PARTICIPAÇÃO SOCIAL
Isadora Escalante

53 O QUE TÁ PEGANDO

54 OCUPA LITERATURA NA BAIXADA FLUMINENSE! NOVA IGUAÇU,
SÃO JOÃO DE MERITI E DUQUE DE CAXIAS SÃO PALCOS DA
AÇÃO CULTURAL **Rede Baixada Literária**

60 BOM JARDIM LITERÁRIO: RESILIÊNCIA DA LITERATURA NAS
FAVELAS DE FORTALEZA **Coletivo Periferia que Lê,**
Marcos de Sá

66 EXPEDIENTE

APRESENTAÇÃO

RADAR SAÚDE FAVELA é o novo informativo produzido pela Coordenação de Cooperação Social da Fiocruz. Gestado no primeiro ano da pandemia de Covid-19 no Brasil, o projeto foi um dos produtos da Sala de Situação Covid-19 nas Favelas do Rio de Janeiro, vinculada ao Observatório Covid-19 Fiocruz. Estruturado com base no monitoramento ativo de fontes não oficiais, o antigo Radar Covid-19 Favela trouxe análises populares e científicas sobre a situação de saúde em territórios periféricos, visibilizando iniciativas populares de enfrentamento à pandemia no decorrer de suas 17 edições, publicadas entre agosto de 2020 e junho de 2022.

Em sua nova fase, o Radar Saúde Favela terá foco em produzir e difundir informações sobre a situação de saúde e da sua determinação social em favelas e periferias de centros urbanos, lançando luz sobre as diversas dimensões de precariedade que afetam de forma diferenciada as populações que habitam em territórios socioambientalmente vulnerabilizados. Não mais centrado apenas no Rio de Janeiro, o novo informativo ampliará seu escopo, contemplando relatos, textos, entrevistas e material audiovisual dos quatro cantos do país, a partir da ampliação da rede de ativistas, movimentos e lideranças sociais atuantes nestes territórios. Debates, discussões e reuniões de pauta com tais atores sociais também fazem parte das atividades desenvolvidas. Tudo isso, sem perder de vista as implicações da Covid-19, as quais ainda se fazem presentes, sobretudo nesses territórios.

O material publicado resulta da formação de uma rede de interlocutores, valorizando a produção compartilhada de conhecimento, o acesso e a participação ativa de moradores de favelas e de seus movimentos sociais e o direito à comunicação pública. Lançado como uma revista digital, o Radar Saúde Favela está ancorado nos referenciais teórico, conceitual e metodológico de Promoção da Saúde, remete às diretrizes do Programa Institucional de Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Fiocruz, bem como aos objetivos e metas do Projeto de Promoção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis em Centros Urbanos da Coordenação de Cooperação Social. As opiniões refletidas nos textos assinados, no entanto, não necessariamente refletem a opinião da Fiocruz.

Imagem: Acervo Periferia Que Lê



DEBATES



Imagem: Rede Baixada Literária

A seção Debates tem o objetivo de amplificar as vozes e as demandas de movimentos sociais, organizações e lideranças de favelas e periferias e apoiar seus protagonismos na produção de conhecimento, nas reivindicações por direitos e na formulação de políticas públicas.

CARTA DA PERIFERIA BRASILEIRA DE LETRAS À SOCIEDADE E À POLÍTICA BRASILEIRA

Periferia Brasileira de Letras

PBL



Imagem: acervo PBL

“O que se nota é que ninguém gosta da favela, mas precisa dela”

Carolina Maria de Jesus

“A periferia unida no centro de todas as coisas”

Sérgio Vaz

Com esse conjunto de proposições, pensadas coletivamente e colocadas à mesa para o debate, apresentamos a Periferia Brasileira de Letras (PBL), e o trabalho desenvolvido até agora, no intuito de convidar outras pessoas, coletivos e organizações à reflexão sobre literatura, periferia e saúde como temáticas indissociáveis. Formada por uma rede de coletivos literários de atuação em periferias, a PBL surge em 2022, primeiramente em oito estados brasileiros – Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Brasília/Goiânia, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Ceará com o objetivo de reinvidicar políticas públicas. No horizonte, visualizamos ainda um árduo

caminho, mas trabalhamos com a esperança de alavancar essas e outras pautas que possam vir à tona na esteira da política nacional.

AMPLIAÇÃO DO FAZER LITERÁRIO

Na importante Lei 13.696, não existe menção às periferias e favelas de centros urbanos brasileiros., Iisto reforça a invisibilidade desses imensos aglomerados urbanos. Diante das condições de excepcionalidade democrática que buscam criativamente a superação dos entraves, é importante materializar nas palavras quem ocupa lugar determinante na luta pela democratização do acesso à escrita e leitura.

Além disso, no texto da Lei 13.696 não há o reconhecimento do amplo leque dos múltiplos fazeres literários como também sujeito de direitos. Percebemos então que, embora seja um fenômeno cultural de forte expressão nos centros urbanos brasileiros, ainda há uma baixa representatividade dos segmentos literários periféricos nos espaços de interlocução com o Estado. Por isso, reivindicamos:

1

Incluir no texto do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) os territórios socioambientalmente vulnerabilizados de centros urbanos (comunidades, favelas, periferias, vilas, quebradas, etc), para que, reconhecendo a importância das experiências de resistência cultural periférica e marginal, através da literatura, o plano focalize nas possibilidades de ampliação da cidadania para os moradores desses territórios.

2

Incluir no PNLL, (Plano Nacional do Livro e Leitura), as seguintes expressões do fazer literário, contemplando-as nominalmente, inserindo-as como sujeitos de direitos: bibliotecas comunitárias, slams de poesia, saraus poéticos, batalhas de mc, rodas de rima, grupos teatrais de rua, museus voltados ao literário, editoras e selos alternati-

vos, coletivos de literatura marginal, residências literárias, mutirões de cartoneira, rodas de leitura e contação de histórias oriundas das narrativas de tradição oral.

3

Recriar o Ministério da Cultura (MinC), desta vez incluindo a presença de uma pasta (secretaria) que observe e faça a interlocução com a produção cultural de territórios sócio ambientalmente vulnerabilizados em centros urbanos.

4

Reivindicar a cadeira nos conselhos (municipal, estadual e federal) de cultura, nos colegiados setoriais ligados ao livro, leitura, escrita, oralidades, literatura e bibliotecas e nas demais instâncias de participação social e política.

ORÇAMENTO

Há uma condição de iniquidade na distribuição de recursos para a cultura nas grandes capitais, onde se concentram investimentos nas regiões centrais, como também a alta concentração de aparelhos culturais, normalmente nos bairros com os maiores IDH e PIB. Por isso, reivindicamos:

5

Implementar orçamento participativo e a distribuição equânime de recursos para a cultura.

6

Desenvolver estudo que possa acontecer a cada biênio, com o qual seja possível monitorar, nas 27 capitais brasileiras, a distribuição territorial de recursos da cultura, observando os dados que revelam tantos às iniquidades assim como os eventuais cenários de mudança.

7

Criar programas que garantam orçamento a cada quatro anos para as organizações comunitárias (especialmente aos coletivos literários atuantes em periferias) que desenvolvem ações de incentivo ao livro, leitura, escrita, bibliotecas, oralidade e a criação literária.

DIREITO À CIDADE

A rua, as praças, os meios de transporte são espaços de convivência, encontro, atuação, performance e realização das ações dos coletivos literários. Na pesquisa Coletivos Literários nas Periferias Brasileiras: um retrato (PBL-2022), ficou evidenciado como a violência urbana e a interdição do direito à cidade, são impeditivos para a segurança e a realização plena dos trabalhos dos coletivos literários. Por isso, reivindicamos:

8

Criar nos âmbitos municipais, estaduais e federais canais de interlocução dos coletivos literários com gestores públicos, a partir da pasta de cultura, para o diálogo e atendimento de demandas territoriais que estejam relacionadas aos trabalhos dos coletivos literários para o enfrentamento das iniquidades sociais.

9

Garantir a execução e proteção das ações de estímulo à literatura realizadas por coletivos literários em áreas públicas como: ruas, praças e meios de transporte.

PUBLICAÇÃO

É muito significativo o lugar que a publicação literária ocupa na vida dos coletivos literários. A circulação de zines, revistas e livretos, materiais autorais e artesanais, disseminadas material ou virtualmente, cria uma espécie de mercado editorial contra hegemônico. As editoras e selos independentes devem ser reconhecidas como grandes incen-

tivadoras da publicação de uma literatura periférica e engajada. Por isso, reivindicamos:

10

Viabilizar a presença de livros de editoras e coletivos dos territórios periféricos nas escolas, por meio da compra pública de livros, da incorporação de obras literárias oriundas da literatura marginal e periférica no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e da inserção nas indicações das secretariassecretárias de educação.

11

Criar ações e programas de incentivo à produção literária voltadas à publicação de escritores oriundos das periferias brasileiras e de temáticas relacionadas a grupos historicamente minorizados.

12

Criar ações que viabilizem a impressão e publicação de livros produzidos por escritores e coletivos literários periféricos.

13

Criar ações como festivais e feiras literárias em periferias que estimulem a circulação das produções literárias.

14

Priorizar a cadeia do livro de editoras, revisores, ilustradores, diagramadores oriundos de territórios periféricos para execução das ações voltadas aos grupos citados nos itens 11, 12 e 13.

15

Criar ações de acessibilidade para que a produção literária periférica esteja disponível também para pessoas com deficiências.

ACESSO A BENS BÁSICOS DE SOBREVIVÊNCIA E INTERSETORIALIDADE

Mediante o quadro de: a) violações impeditivas do coletivo nos locais onde atuam, por fatores de desemprego, violência policial, violência urbana e/ou lgbtqiafobia; b) prática não reconhecida, porém exercida e estabelecida da literatura e outras artes nos transportes coletivos como área de atuação; e observando a intersectorialidade como providencial prática da Promoção da Saúde, reivindicamos:

16

Viabilizar políticas públicas transversais dos segmentos lítero-culturais periféricos com as pastas da Educação, Saúde, Assistência Social, Segurança Pública, Justiça e Direitos Humanos.

FORMAÇÃO

No Plano Nacional da Leitura e do Livro (PNLL), são previstas atividades de formação de mediadores de leitura. Os coletivos literários devem ser reconhecidos nominalmente e incluídos nessas atividades. Por isso, reivindicamos:reinvindicamos:

17

Incluir no PNLL os coletivos literários nas atividades de formação para mediação de leitura oferecidas pelo Estado.

Um pouco mais sobre Literatura, Favela e Saúde

Literatura como Direito Humano

A luta pelos direitos humanos é fundamental para se buscar a transformação das periféricos em territórios saudáveis. A literatura, como vaticinou Antônio Cândido, pode e deve estar entre esses direitos fundamentais à experiência humana numa possibilidade emancipatória. E isso tem conexão com políticas públicas saudáveis.

O acesso à literatura como bem comum, inclusive como direito humano, em suas mais diversas expressões e fruições, é ainda diminuto, em termos de políticas públicas, a uma significativa parcela de nossa sociedade, principalmente para quem tem sua identidade social ligada ao seu local de moradia e sua representatividade associada à alcunha de periférico, à margem, pra quem mora na quebrada, numa favela, vila ou comunidade, é cerceado não só esse direito à literatura, como o reconhecimento de seus próprios saberes e fazeres literários.

Contudo, na contramão das opressões e restrições impostas a quem ainda é alvo de violações de direitos, pela sua condição de moradia e por outros atravessamentos sociais, há um levante em curso, composto por uma rede de coletivos literários e, sim, periféricos: A Periferia Brasileira de Letras.

O que é a Periferia Brasileira de Letras?

Formada por uma rede de coletivos literários de atuação em periferias, a PBL surge em 2022, primeiramente em oito estados brasileiros, e visa sua expansão territorial em crescimento rizomático e cooperado, com o acréscimo de coletivos oriundos de bibliotecas comunitárias, saraus literários, grupos de teatro de rua, slams, círculos de leitura, batalhas de MC's, residências literárias, selos editoriais populares, entre outros congêneres, para atuação solidária, comunitária e integrada na reivindicação de políticas públicas saudáveis. Seu objetivo é discutir, propor e disputar políticas públicas que ampliem nas populações periféricas, o acesso à escrita, à leitura e as oralidades tradicionais e contemporâneas.

Através da Cooperação Social da Fiocruz, esta rede, ainda em curso com seu apoio institucional, construiu metodologicamente um processo formativo e de escuta com outros coletivos, o que ampliou o leque de discussões e demandas necessárias à análise e reflexão sobre

políticas públicas saudáveis. Define-se como políticas públicas saudáveis as estratégias, ações, investimentos, atitudes e movências articuladas e mediadas na participação popular, numa guinada emancipatória, resultado de mediação e intervenção político-sociocultural, implementadas a partir dos seguintes gradientes e ingredientes: identificação do problema, agenda política, formulação, tomada de decisão, monitoramento e avaliação, com o objetivo de melhorar a vida das populações periféricas.

Políticas Públicas e a PBL

Realizada remotamente, entre maio e setembro de 2022, teve início a 1ª formação do curso de territorialização de políticas públicas saudáveis da Periferia Brasileira de Letras, com o objetivo de colaborar efetivamente no estabelecimento de políticas eficazes, a partir de ações intersetoriais no campo do livro, leitura, escrita, literatura e bibliotecas, como normatizado pela Lei nº 13.696 (lei Castilho) que instituiu a Política Nacional de Leitura e Escrita.

Esta formação foi, antes de tudo, um exercício teórico e prático de reflexão, problematização e compreensão das experiências coletivas do fazer literatura em periferias, correlacionada com a territorialização de políticas públicas saudáveis, a partir do conceito de promoção da saúde. Temas como “vulnerabilidades socioambientais”, “determinantes sociais da saúde”, “sociedade, estado e poder”, “políticas públicas saudáveis” e “o campo do livro, leitura e literatura no Brasil” orientaram o debate, concentrando o debate na construção de uma política descentralizadora e pluralizadora de suas ações, e no investimento de uma leitura crítica e participativa, potencialmente voltada a políticas públicas para territórios periféricos e marginalizados.

Política Nacional, a Lei Castilho

A maior parte das temáticas presentes na Carta da PBL foram organizadas na referida Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018, que orientou um debate efervescente e concentrado na dinâmica, demandas e desafios vivenciados pelos territórios periféricos. Os debates implicaram em propostas de reconfiguração de suas diretrizes, como por exemplo, o vetor de inclusão dos fazeres literários das periferias que, ao produzirem obras e experiências gregárias, mobilizam seus moradores ao gozo e à fruição das diferentes formas de se fazer e experimentar a literatura. Em suma, a promoção da literatura como promoção da saúde a partir de coletivos literários organizados na rede Periferia Brasileira de Letras orienta os esforços de cooperação social para uma política pública que margeia o livro, a leitura e a literatura no limiar e na urgência do horizonte sociopolítico brasileiro atual.

Nesta carta, apresentamos demandas urgentes e necessárias com a propositura de serem executadas e direcionadas aos territórios periféricos para o enfrentamento das iniquidades sociais, em especial no campo da leitura e escrita. As orientações da Periferia Brasileira de Letras propõem ações intersetoriais que sublinham a promoção da literatura como cultivo de promoção da saúde.

O FAZER LITERÁRIO NÃO SE RESTRINGE AS LETRAS IMPRESSAS EM LIVROS

Jucelino Sales. Doutor em literatura. Escritor e membro do coletivo Papo Reto, Brasília.

Luiz Eduardo de Almeida Souza. Doutor em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Poeta, músico e membro do Coletivo Sarau de Periferia, Belo Horizonte.



Coletivo de Minas Imagem: Divulgação

Marginal e Periférica: é possível uma ligação e interdependência terminológica entre os dois termos como disputa conceitual para nominar a literatura produzida em territórios vulnerabilizados e, com isso, contestar o território extremamente homogêneo do cânone literário visando demarcar um posicionamento político em defesa da ampliação do fazer literário?

O fazer literário não se restringe às letras impressas em livros. Disputar o conceito ampliado de literatura marginal e periférica e delimitar seu gradiente epistemológico, sua razão teórica, sua partilha sensível e seu fazer particip[at]ivo é acionar o reconhecimento a um

direito político à literatura. Este, por exemplo, é um dos franqueamentos da Periferia Brasileira de Letras, rede de coletivos literários que atuam em periferias de 8 capitais brasileiras (Fortaleza, Recife, Salvador, Brasília, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul). O Coletivo Sarau de Periferia e o Coletivo Papo Reto, respectivamente de BH e Brasília, e dos quais fazemos parte, são integrantes da PBL.

Uma das discussões da rede PBL é que a literatura de cânone, aquela contida nos livros, não é suficiente para abarcar as múltiplas expressões literárias que pulsam nas periferias de nosso país. São mutirões de cartoneiras, geladotecas, saraus de quebradas, batalhas de slams, grupos de teatro de rua, bibliotecas comunitárias, zines artesanais, editoras populares, rodas de leitura, entre outros. Esses movimentos crescem e cada vez mais escritores e leitores se formam e se reconhecem nessas palavras que ainda são pouco ou quase nada reconhecidas. É preciso disputar as novas formas de se fazer literatura e reconhecer sua importância e avançar, inclusive, sobre o terreno de disputa conceitual – dessa vez atualizada por essa nova geração de “corp-oraliteratos expandidos-pós-autônomos”, atuantes nas periferias metropolitanas – sobre literatura marginal e periférica, e sobre as práticas culturais de ações coletivizadas que são o novo paradigma em relação barulhenta à singularidade silenciosa do escritor-solitário-genial-porém-maldito.

A estudiosa Regina Dalcastagnè, em sua obra *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, pondera que nesse território em disputa – o espaço literário brasileiro – “o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele” (2012, p. 5). Ela frisa que a disputa pelo espaço, seja sua inscrição no mapa social ou numa narrativa, gera as fricções, fraturas e distanciamentos que posicionam no centro a literatura consagrada no cânone estabelecido e delegam às margens a literatura produzida

à margem, E constata: “são essas vozes, que se encontram nas margens do campo literário, cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão” (2012, p. 11).

A preocupação com o lugar de fala – acesso à voz e representação dos múltiplos grupos sociais – conforme reporta Dalcastagnè, é agenda que vem sendo apropriada e enfrentada pelos estudos literários contemporâneos. Ela assevera que nessa geografia do território contestado, e que sublinhamos como válido para pensarmos o cômputo da literatura marginal e periférica “está em questão a diversidade das percepções do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala” (2012, p. 18).

Literatura não é só texto escrito; é também, e muito mais, mais

Partindo da constatação de Dalcastagnè de que “na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares” (2012, p. 18), imbuímos apresentar em seu posicionamento a falha que leva a uma contradição, relegando ao apagamento as literaturas em efervescência que derivam das rodas de saraus-slams, rinhas de rima, oralituras, literaruas, teatros de rua, editoras independentes, bibliotecas comunitárias, entre outras formas, múltiplas e divergentes, do criar e fazer literário. E averiguar na afirmação da pesquisadora um equívoco descritivo, que resulta do pensamento sociológico sistematizado que relaciona a literatura ao texto escrito e publicado que, num processo que parece natural, atinge a repercussão pública, por meio da vendagem de livros, como condição indispensável e dogmática da antiga fórmula preposta por Antonio Candido, coadunando autor/obra/leitor como termos inseparáveis de uma trans-estilística das escrevivências da nossa gente aqui-agora.

A precedência do termo marginal na história da literatura (ou história literária) remonta à conhecida geração do mimeógrafo cujos construtos poéticos assumiram, em sua plasticidade, a identidade de poesia marginal. Embora à margem do cânone literário, e opositores críticos do dispositivo canônico, seus expoentes poéticos eram oriundos da classe média, com acesso aos bens culturais, logicamente, distantes dos viventes em territórios vulnerabilizados.

O termo, portanto, datado, não obstante foi retomado pelo boom de escritores periféricos emergente nos anos 1990, com nomes como Ferréz e Sérgio Vaz despontando na batuta da vanguarda, que se apropriam do qualificativo e o lapidam a partir de suas experiências estéticas ligadas intrinsecamente ao local de origem e, sobretudo, fronteira limiar da atividade literária e do ativismo social e cultural que empreendem: *a periferia*.

O termo, embora sua concepção estética não diste longamente na duração histórica, afinal sua apropriação nessa clivagem provém apenas de algumas décadas, já é consagrado na teoria e crítica literárias, e acumula algumas inflexões, torneios, enxertos, perdas e derivações.

Logo na introdução de seu trabalho dissertativo, “Literatura marginal”: os escritores da periferia entram em cena, Érica Nascimento (2006), pontuou que o termo inflou e culminou em diferentes significações, originando um terreno nebuloso de entendimento e definições.

Circunstanciado na fortuna crítica, o termo aparece subscrito ora como literatura marginal, ora como literatura periférica, ora também como marginal (periférica), ora ainda como marginal ou periférica, mas também marginal/periférica e ainda marginal periférica (sem hífen), numa silepse linguística de alternância [ou...ou], e por vezes, de conjunção somativa mas sem alteração aditiva, flexionando a carga semântica dos dois vetores de caracterização para subsumir

a mesma ideia, embora essa ideia dimensionada num espelhamento pleonástico (nos casos em que aparecem juntos os dois adjetivos) não esteja clara, denotada, objetiva. Acrescentem-se ainda as denominações, literatura da periferia e literatura divergente. Há um problema de densidade epistemológica, teórica e metodológica para a conjugação de seus pressupostos explicativos.

Em suas averiguações sobre a questão, Nascimento propôs uma alternativa, cunhando a expressão literatura marginal dos escritores de periferia que singulariza os “textos produzido por escritores da periferia dos demais textos publicados nos últimos quinze anos que poderiam ser classificados como ‘literatura marginal’; como para diferenciá-los das obras dos ditos poetas marginais setentistas” (2006, p. 18). Ela também reconfigura com o que nomina como nova geração de escritores marginais, a gama de escritores de periferia que surgiram a partir da virada do século.

Embora as conclusões da pesquisadora já tardam mais de uma década e ela situe localmente a emergência da literatura marginal que investigou – ela própria reduzindo à marginal o matiz periférico de sua duplicidade – há ainda contradições significativas na depuração da ideia e na sua própria concepção original, bem como o acúmulo de incorporações e borrões em seu desdobramento cujo excesso oriundo colabora com a divergência de pensamento em relação ao conceito de literatura marginal.

Em sua tese, defendida em 2011, Mário Medeiros retomou o debate em duas frentes, trazendo para o centro das preocupações teóricas tanto a questão negra, quanto à questão marginal, tratadas pelo estudioso como ideias, por não serem estruturas suficientemente sistematizadas, e embora mais do que categorias explicativas, “elas, em si, já se constituem em problemáticas historicamente consistentes” (2011, p. 19). Os apontamentos do estudioso distinguem a literatura

produzida em territórios marginalmente vulnerabilizados como o marco sociológico de um limiar em plena expansão especulatória.

Conforme o pesquisador tratou a questão, se há uma década exalava o ardor de uma ideia, em nosso tempo hodierno, a urgência de consolidação teórica impulsiona a expropriação da ideia meramente de categoria explicativa para a órbita da extensão conceitual, com arcabouço suficiente – desde produção literária, fortuna crítica, dados históricos, apontamentos dissertativos, teses e análises de sua estética dessa especificidade literária – para materializá-la definitivamente na classe dos conceitos.

A legitimação do campo conceitual em torno dessa ideia-força torna-se plausível na própria produção de Ferréz, escritor já consagrado, mas que fundamentalmente em seus textos críticos, a exemplo, o manifesto “Terrorismo literário”, circunda os termos da questão e situa o território da literatura que produz “Literatura de rua com sentido sim, com um princípio, sim, e com um ideal, sim, trazer melhoras para o povo que constrói esse país mas não recebe sua parte” (2005, p. 10).

O projeto estético de Ferréz, que agrega produção literária com ativismo militante, parte conscientemente da representação de seu contexto social, localizado à margem do centro econômico e social e, portanto, voltado para a periferia, acentuando a relação entre o vivido e o narrado.

Partindo do exemplo de Ferréz, a literatura marginal, segundo Medeiros, com a guinada nos anos 1990, é “vista como um dado espacial e sócio-histórico” (2011, p. 102, grifos do autor), ou mais especificamente, “ela não é um estilo circunstancial de vida, ela é a própria vida, de cuja condição não se pode abdicar tão facilmente, pois é fenômeno estrutural e estruturante” (2011, p. 102, grifos do autor).

Cabe aqui o conceito de artista-cidadão, a serviço de sua comunidade, cunhado pelo poeta Sérgio Vaz, no Manifesto Antropofágico da Periferia. Artista-ativista que, consciente tanto de sua marginalização social e territorial, engendra seu ativismo social e sua atividade estética por meio da palavra literária.

Há no lastro dessa estupefaciente experiência literária o fundo de um imaginário que o crítico literário João Cézar de Castro Rocha nominou de dialética da marginalidade, que “permite ao marginal projetar a sua voz, a fim de articular uma crítica inovadora das raízes da desigualdade social” (2006, p. 172), em que, para surpreender a força avassaladora da exclusão, a “alternativa, portanto, é converter a violência cotidiana em força simbólica, por intermédio de uma produção cultural vista como modelo de organização comunitária” (ROCHA, 2006, p. 176).

O dilema coletivo transparece como o dispositivo nuclear da produção literária marginal e periférica, todavia são os próprios atores periféricos que tomam protagonismo da cena teórica e atuam no palco de interpretação, elucidando os mecanismos de exclusão social.

É preciso deslocar a atenção dada à literatura produzida no centro para a literatura produzida na marginália, um movimento de divergência contra o literariamente estabelecido e, ao mesmo tempo, de convergência entre as diversidades literárias. Esse movimento deve singularizar o como a literatura vem sendo deslocada de um lugar construído socialmente como superior e erudito, para ser devolvida ao povo através da prática das ruas e da arte compartilhada.

E que leva a algumas indagações fundamentais no âmago do escrevite marginal e periférico: “De que forma, implementando quais estratégias, conseguiremos ser ouvidos a partir do que produzimos?” Ou melhor, como atingir algum público leitor se não há uma política

de edição, publicação e difusão democraticamente acessível? Ou ainda, como desestabilizar o cânone e atingir a plenitude literária, se não há uma política de inclusão, legitimação e consumo das diversas literaturas oriundas das inúmeras formas do fazer poético?

Como consolidar a produção marginal e periférica?

A singularização deve partir da implementação de estratégias, mecanismos, e instrumentos que importem o revigoramento e a atualização do conceito através da justaposição dos termos [marginal] e [periférico], com o acréscimo da conjunção aditiva [e], associando e adensando as ideias de marginalidade e periferia, entendendo como: **1)** marginalidade, a ação, de natureza coletiva, de “assumir controle da própria imagem [literária], expressar-se com a própria voz” (ROCHA, 2006, p. 170); e **2)** periferia, a ligação direta e específica ao local de origem, produção e atuação das vozes marginalizadas em suas múltiplas heterotopias: os territórios vulnerabilizados.

De um lado, a expressão social, cultural e literária, isto é, a oralitura daqueles escrevientes à margem da sociedade: os marginalizados e excluídos; de outro, o componente geográfico, localizador, situacional, heterotópico, de onde levantam a voz poética de suas expressões artísticas: os criadores periféricos.

Abre-se um campo enorme e riquíssimo da experiência estética sobre o fazer literário, oriundo, por exemplo, das performances da oralitura, conforme abordado pela artista-cientista Leda Maria Martins, em sua obra seminal *Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário do Jatobá*, que instaura um movimento de expansão crítica sensorial e sensível para além do senso comum abstracionista do que seja oralidade como resultante da grande divisão dicotômica entre fala e escrita.

Nesse contraponto, então, Martins nos diz que “diante dos [...] atos de fala e de performance [...] denominei oralituras, matizando nesse termo a singular inscrição do registro oral que, como littera, “letra”, grafa o sujeito no território narratário e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de litura, “rasura” da linguagem, alteração significativa, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas” (2021, p. 25).

Leda, portanto, destaca a performance como um ritual em um leque dinâmico dos saberes memoriais das oralituras, incluindo por “adêrência modal, ritos, performances do cotidiano, cenas familiares, atividades lúdicas, o teatro, a dança, processos do fazer artístico” (2003, p. 65). Essa pesquisadora, dramaturga e atual rainha do Reinado do Jatobá, nos instiga a repensar as performances em rede, que nessa epistemologia, “esse sistema organiza-se mais dinamicamente, não mais pelas relações de disposição no continuum, mas sobretudo pelas interações ali processadas (2003, p. 65).

Assim, essa pensadora e professora da UFMG abre nossos olhos de agora com um feixe luminoso para (re)invenção do ver que as manifestações culturais afrodiáspóricas periféricas revelam encruzilhadas e “estruturas profundas que os conectam performativamente, por modulações ou qualidades (repetitividade, provisoriedade, incompletude, transitoriedade, modo de duração e de cognição do espaço, etc.), pelas técnicas e procedimentos; pelas relações entre os performers e sua audiência, real ou virtual, pela inclusão ou exclusão de atividades pré ou pós performance que, em muitas práticas, constituem a própria performance, pelos seus efeitos imediatos e/ou extensivos, em termos históricos, sociais ou culturais” (2003, p. 65).

Cabe aí, nessa rasurada da litera epistemológica, via ritual das encruzilhadas das (corp)oralituras ¹ da Leda Martins frente ao campo

dos estudos da performance, programas de residência artística como a corpa-território da favelofagia, uma coletiva literária e uma editora sem fins lucrativos, cujas eme(ur)rgências de suas espistemes e letramentos de sobreviv(reexist)ência literários borram a literatura carioca. Este projeto de residência insurge no complexo de Manguinhos na cidade do Rio de Janeiro, em 2015, visando a criação de um novo cânone literário a partir da favela e da promoção de autores da periferia que (in)corporificam uma perspectiva contra-hegemônica pela/na presença viva de suas vozes e cor-políticas.

Cabe aqui o desaguar experiencial dos mares-de-morro pelo afluente do circuito literário das quase 30 comunidades do SLAM-MG, (re)abrindo sua fresta (pro)funda na produção, circulação e recepção estético-políticas pelas terceiras margens da literatura mineira contemporânea. Tais fios-filetes d'água foram costurados pelas representatividades de artistas formados por horizontes coletivos e com os pés descalços pelas bordas do contorno de BH e suas muitas minas gerais metropolitanas e vozes interioranas. Daí trançamos as pegadas dos exemplos, as bordadeiras dessa teia em performances do tempo espiralar, desde 2008, o Coletivo Sarau de Periferia (Barreiro), o Sarau Cabeçativa (Olaria), o Coletivo Lanternas (Venda Nova), o Sarau Comum (Ocupação Luiz Estrela), o Nosso Sarau (Sarzedo), os Vira Latas (Praças abandonadas) e dos Vagal (Nova Lima) que transfiguraram as heranças poé-polí-ticas que foram inauguradas pel@s manês mais véio da ZAP Slam, do Cooperifa e do 1daSul, esses três últimos integrados à cena paulista de performance de sarau, concretizadas em suas periferias desde 2001.

Cabe também os saraus das periferias de Brasília, que a partir de uma heterotopia, deslocam as narrativas historicamente silenciadas

¹ Optou-se intencionalmente no corpo desse texto informativo-descritivo-argumentativo, em trechos pontuais, pela incorporação do fundo da estilística própria da cena do Hip-Hop, a partir da inscrição que os slammers condensam nas suas vozes-performances, como ousadia de apresentação e exemplificação da forma, in loco, das oralituras que o artigo aborda e defende.

e as colocam em evidências em lugares ressignificados e alternativos – as Regiões Administrativas, periféricas e marginalizadas – a partir da performance produzidas pelos saraus: reuniões periódicas em espaços públicos, com declamação para um auditório, com utilização de estrutura simples como um microfone e um amplificador, como é o caso do Sarau-VA (Ceilândia), Sarau Tribo das Artes (Taguatinga), Sarau do Beco da Cultura (Taguatinga), Sarau Complexo (Samambaia), Saraubuntu (Recanto das Emas), Sarau Okuparte (Paranoá), Guerra do Flow (Planaltina).

São formas diversas e legítimas do fazer literário, em plena produção, performance e circulação, que aguardam o mapeamento e a consolidação no campo dos conceitos.

Uma literatura com esses contornos, marginal e periférica, que promova a saúde possui consciência plena daquilo que o poeta Sérgio Vaz assinalou no Manifesto da Antropofagia Periférica: “A arte que liberta não pode vir das mãos que escraviza”. Por outro lado, como o poeta educa, essa arte justamente promove saúde na medida em que é a favor “Da poesia periférica que brota na porta do bar”, “Da literatura de rua despertando nas calçadas”, substancializando “A Periferia unida, no centro de todas as coisas”. Uma verdadeira poética da sobrevivência, da resistência, da reexistência.

Urge somar forças epistemológicas e ocupar os espaços de teorização para compreender, de fato, e in loco, a história da literatura marginal e periférica produzida nas/pelas quebradas. Como tomada política e criteriosa é preciso pensar a produção literária marginal e periférica, não apenas no campo da ficção e da poesia, mas também na órbita das oralidades, oralituras, narrações e tradições populares, literaruas periféricas, slams, grupos de teatro de rua, duelos de mc’s, por meio da e pela voz, no e pelo corpo, em performances-oraliruas-poéticas-políticas, e também no espaço da crítica especializada, da

formulação dos estudos teóricos, da pesquisa de campo, da interpretação e absorção analítica do ativismo cultural e artístico-literário, potencializando novas análises que extrapolem o circuito da literatura de centro e, tangencialmente desenvolvam a exploração das literaturas produzidas no território marginal e periférico, integrando-as definitivamente no rol das literaturas divergentes e contraproducentes ao cânone.

De nossa parte, temos dedicado esforços junto à Periferia Brasileira de Letras, onde visamos agenciar e fortalecer nos próximos anos, a partir de uma rede integrada, intertextual, intersetorial, conectada e hipercultural, desterritorializando a literatura de centro, se multiplicando em todas as costuras, limites ou fendas, com a promoção do reconhecimento político e po-ético da literatura marginal e periférica. Ações como implementação de uma agência pública que resolva institucionalmente de modo mais permanente possível a vida de materiais de impressão e também criação de designer de coletivos que atuam em territórios de favela, luta por orçamento participativo com distribuição equânime de recursos para a cultura e criação de uma revista de investigação literária, que se aproprie do marginal e periférico, são projetadas para consecução da agenda de lutas da PBL.

Parafraseando Ferréz e tocando no ponto liminar: uma verdadeira apoteose que reflita sobre a literatura da periferia feita por gente da periferia e ponto final.

É essa potência-força criativa-produtora de nossas coletives que ali permanece ao lado da gente artistê moradorê de favela, vila, quebrada, comunidade, periferia... São estes produtos criativos produzidos por editoras populares que proporcionarão a dignidade dxs nossês no dia a dia interditado, apagado, silenciado por violência e opressão racial-sexual-étnica-classista ou de trans-gênero de toda ordem eurocêntrica-colonial-capitalista-patriarcal-imperialista... e quiçá, sonhando alto, levará

nossas famílias pra França (como o Pieta Poeta saiu do aglomerado da Serra de favelas-BH e foi representar o BR na copa do mundo de poesia falada, o grandslammaster, em 2019), pra Argentina, México, Cuba, Berlin, Nova York, Londres... que nos guiará pra lugares mais imediatos do cotidiano que são as escolas e bibliotecas públicas das nossas quebradas pelas bordas dos sistemas institucionais dos poderes governamentais.

MEMÓRIA



Imagem: Periferia Que Lê

Nessa seção, abrimos espaço para conhecer um pouco do passado de favelas e periferias pelo país afora. Por meio de relatos de moradores, da reconstrução de suas histórias orais, bem como de suas trajetórias, contamos a história social e urbana de diferentes localidades.

A LITERATURA VAI SALVAR A PERIFERIA

Edson Santana, integrante da União de Negros e Negras pela Igualdade (UNEGRO)



Imagem: Acervo Pessoal Edson Santana

Completamos em 2022, os 100 anos da Semana de Arte Moderna e os 100 anos da morte de Lima Barreto, um dos maiores escritores brasileiros. Foram muitos os eventos em torno do movimento artístico que contribuiu para a formação da identidade brasileira como nação. Poucos trataram de assumir um tom crítico à Semana de 22. Outros, ainda em menor escala, tiveram a ousadia de questionar a não inclusão da produção artística negra no rol deste movimento que objetivava retratar o cotidiano do povo brasileiro, em detrimento da arte até então produzida para simbolizar a vida das elites.

O poeta Solano Trindade foi um desses artistas. O Poeta do Povo, como era chamado, foi também pintor, teatrólogo e cineasta. Eu, por exemplo, não o estudei na escola. Pouco o estudei na Universidade. Sua contribuição se encaixa perfeitamente na segunda fase do modernismo. Uma poesia viva, crítica e reflexiva a respeito dos problemas contemporâneos

do Brasil. Mas foi invisibilizado.

Outro escritor colocado à parte, como se não tivesse sido um dos precursores da literatura que trata da vida do Brasil Real, foi Lima Barreto. Negro e suburbano, este escritor carioca possui uma vasta obra cuja complexidade, a meu ver, estava muito à frente do pessoal de São Paulo. Para mim, especificamente, Barreto é um dos maiores do século XX, um dos maiores deste país.



O primeiro contato que tive com seus escritos, foi por volta de 2006. Nesse tempo eu me perguntava sobre os motivos pelos quais este homem não estava devidamente inserido no cânone e na historiografia do modernismo brasileiro. A crítica ao racismo presente em sua primeira obra, “Recordações do escrivão Isaías Caminha”, somada a ferocidade com a qual julgava a imprensa não me deixavam dúvidas sobre o caráter crítico desse escritor.

Durante 15 anos busquei, inconscientemente, as respostas para a pergunta que trata da invisibilidade desse homem genial. Passei a ler seus Diários e artigos publicados na imprensa. Nos Diários percebi que Lima Barreto era um homem de vida sofrida, inconstante, devido às intempéries próprias de uma pessoa negra no Brasil da escravidão recém abolida. Nos artigos de jornais percebi que Barreto era um homem crítico ao Brasil que a imprensa fazia questão de pintar como democrático e participativo. Não consigo esquecer da opinião sarcástica de Lima Barreto em artigo publicado na revista Careta, em 03 de junho de 1922: “O Brasil não tem povo, tem público. Povo luta por direitos, público só assiste de camarote.” E evitando o esquecimento, talvez me sobre coragem para

seguir seu ideal de povo. No entanto, essa coragem tem um preço: o anonimato, apesar do talento. Lima Barreto morreu pobre e só foi ter algum reconhecimento quase um século após sua morte.

Mesmo em 2022, foram poucos os seminários a celebrar a sua obra.

Foi também em 2022 que eu, munido pela resposta sobre os motivos do anonimato de Lima Barreto e Solano Trindade, tive a oportunidade de criar uma relação mais estreita com o universo da literatura, em especial a produzida e reproduzida nas periferias. Fui escolhido para fazer parte da equipe que facilitaria a construção de uma rede nacional de grupos e coletivos literários das periferias do País: **A Periferia Brasileira de Letras**.

Antes de falar sobre essa experiência, me permito o exercício de imaginar o Brasil atual caso esses dois (e tantos outros) artistas negros tivessem sido incluídos no seleto grupo das três fases do Modernismo.

Sei que é um pouco viagem, mas eu me permito: Seria esse mesmo Brasil de 2022? Brasil da perseguição às religiões de matrizes africanas, do ódio, da invisibilização de tudo que se constitui como periférico; O Brasil que despreza a ciência?

Nossa trajetória enquanto PBL iniciou-se numa tarde, na sala da Cooperação Social da FIOCRUZ. Uma pequena imersão para pensarmos a comunicação do projeto e nossos desafios. Seria necessário chegar a 9 regiões metropolitanas do país. Adentrar essas periferias de modo virtual, buscar coletivos literários interessados em fazer parte da rede e disputar um lugar no curso de formação em políticas públicas saudáveis.

Até então, eu pouco sabia sobre esse tema, mas minha experiência com a literatura nas periferias do Rio de Janeiro já me fazia compreender a importância da leitura e da escrita na vida das pessoas periféricas en-

volvidas com tudo que gira em torno do Livro. Eu vi, na Cidade de Deus, a literatura salvar uma senhora que se tornou cadeirante e desenvolveu depressão.

Ao longo dos 10 meses de projeto, a PBL me proporcionou um mergulho de cabeça na realidade de periferias que eu nem imaginava que existiam. Para além da realidade desses territórios, a experiência dos coletivos e grupos selecionados foi o que mais me interessou e exemplos de como o fazer literário pode mudar a vida das pessoas não faltaram.

Todas as iniciativas que conheci através da PBL me surpreenderam. No entanto, meu interesse pelo protagonismo de pessoas negras me fez nutrir uma admiração especial por três empreendimentos: O Grupo de Arte Popular A Pombagem, a Editora Kitembo e a Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães.

Da Fazenda Grande do Retiro, periferia de Salvador, o grupo de poetas surgido em 2009 entende a poesia como aparição espetacular, que não está presa aos livros e se reverbera no corpo e na voz. O Grupo “A Pombagem” surgiu realizando saraus em Salvador e atualmente tem um espaço próprio chamado Casa Museu Popular da Bahia. A partir da liderança de Fabrício Brito, o Grupo Popular vai de encontro à tradição grega quando propõe um rompimento com a ideia de inspiração através das musas gregas. Foram buscara poesia de Luiz Gama a inspiração para criar sua própria musa: A de Guiné. Uma evocação da ancestralidade através da poesia.

Em entrevista realizada pela PBL com membros da Editora Afrofuturista Kitembo, sediada em SP, foi dito o seguinte: “A gente foi numa escola e trouxemos um autor aí do Rio, o Hedjan, que publicou um livro chamado Crianças na sombra, que é a história de um prédio ocupado, mas que é tido como um prédio mal-assombrado numa comunidade (...). Quando terminamos de apresentar o livro, a professora perguntou se tí-

nhamos um livro que trata de racismo.” Destaco esta parte a fim de trazer à luz a importância desta iniciativa que além de inovadora, se propõe a dialogar com a juventude, em especial a negra, através da literatura.

A memória destacada anteriormente, me faz pensar a respeito dos estereótipos projetados na produção literária de pessoas negras e na potência das iniciativas que reforçam a identidade de um povo colocado à parte do processo de desenvolvimento do Brasil. A Literatura Fantástica, a meu ver, possibilita que leitores e leitoras tenham a possibilidade de sonhar e entendam a literatura como uma possibilidade de lazer.

É através das Bibliotecas Comunitárias que as populações das periferias têm acesso às produções literárias e também se organizam em torno das pautas sociais que impactam os territórios periféricos. Na região metropolitana do Recife, Reginaldo Pereira é responsável pela Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães.

Além de criar um espaço de leitura para a comunidade, a Biblioteca CCT também é responsável pela alimentação das crianças que frequentam a biblioteca na Ilha do Retiro. Garantir o direito das pessoas acessarem Livros é a missão da Caranguejo Tabaiães, mas, segundo Reginaldo em entrevista à PBL, é preciso que haja políticas públicas que possibilitem a profissionalização das pessoas envolvidas na manutenção das bibliotecas comunitárias, entre outras...

É a partir dessas três experiências e da reflexão em torno das comemorações dos 100 anos da Semana de 22 e do centenário de morte de Lima Barreto, que um fio de esperança se abre em meu peito. São muitas as iniciativas como as relatadas neste texto. Empreendimentos cuja importância nos faz crer na possibilidade de um Brasil mais diverso, um país de pessoas leitoras, escritoras e envolvidas na cadeia de produção do livro.

Espero que no ano de 2122 a realidade da periferia, dos escritores e escritoras de pele escura seja outra, bem diferente de 1922 e 2022.

Viva a Periferia Brasileira de Letras!



Imagem:Acervo Pessoal Edson Santana

ENSAIOS



Imagem: Acervo Pessoal Lara Nunes

Nesse espaço, privilegiamos as escritas de todos aqueles e aquelas que, direta ou indiretamente, vivem as periferias. Artigos, crônicas, contos, em suma, diferentes gêneros literários, além de ensaios fotográficos, são alguns dos materiais aqui presentes.

SLAM, A LIBERDADE É REVOLUCIONÁRIA

Lara Nunes. Graduanda em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro da Periferia Brasileira de Letras (PBL) como representante do Slam das Mulé



Imagem: Acervo Pessoal Lara Nunes

Linhas iniciais

Quando Roberta Estrela D'Alva idealizou e fundou o ZAP! – Zona Autônoma da Palavra, organizado junto ao Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, em 2008, no estado de São Paulo, ainda eram desconhecidos os desdobramentos que essa criação poderia alcançar². Tratava-se do primeiro poetry slam do Brasil, uma batalha de poesia falada onde a palavra poética, política e performática era a protagonista. Inspirado no movimento que surgiu em 1986 nos Estados Unidos, o slam estabelece comunidades pelo mundo inteiro, vem sendo construído no Brasil há quase quinze anos e é, para além de uma escola literária em curso, uma força movedora das vozes subalternizadas e periféricas que se contrapõem a um campo literário hegemônico e contestam um projeto de sociedade baseado na exploração e nas opressões.

² Esse texto foi originalmente publicado no site do Le Monde Diplomatique Brasil, em parceria com o Radar Saúde Favela e a Periferia Brasileira de Letras.

Mas o que faz com que esse espaço seja tão enérgico e potente? O que há nessas batalhas a ponto de revolucionar tantos cotidianos, quebrar barreiras e torcer conceitos do que se entende canonicamente como lírica? Por que uma competição como essa se firma cada vez mais na linha de frente da poesia marginal contemporânea brasileira?

Para começar, pontuo aqui o que configura um Slam e quais são suas particularidades. Em todo o globo, onde acontece batalha de poesia falada, são três as regras principais: **1)** o poema precisa ser autoral; **2)** a apresentação não pode durar mais do que três minutos; **3)** não é permitido o uso de cenário, figurino, adereço ou acompanhamento musical. Dessa forma, é firmada uma relação estrita entre texto, corpo e voz na construção das apresentações. Ao final de cada performance, um corpo de júri atribui notas de 0 a 10, e o poeta que conquistar a maior pontuação é o campeão ou campeã da vez. Esse júri, em geral, é composto por cinco pessoas escolhidas aleatoriamente no momento da batalha, e as notas não são guiadas por uma lista de critérios, a fim de reforçar que qualquer pessoa é capaz de sentir um poema. Não precisa acessar um repertório prévio, ter lido esta ou aquela obra, ter uma experiência acadêmica ou mesmo saber ler e escrever. Para sentir um poema, só é preciso escutar o poema. Outras regras existem, mas podem se adaptar à dinâmica de cada região para que haja um funcionamento mais livre, de modo que o ideal de democratização da poesia não se perca.



Imagem: Patrick Abreu

E, justamente por conta desse ideal de democratização e da valorização da oralidade, o movimento Slam encontra nas periferias do Brasil um terreno fértil para se desenvolver. Recorrendo à noção de tempo espiralar, cunhada pela ensaísta brasileira Leda Maria Martins, em que passado, presente e futuro coexistem e coabitam nossas existências, tomo a liberdade de afirmar que, quando o spoken word aterrissou no país, já estavam no balaio as histórias contadas pelos griots em África, as narrativas das sociedades indígenas, os contos, fábulas e parlendas, o repente e a embolada nordestina, o rap, as batalhas de rima, os saraus. Logo, o slam, com toda sua energia e inovação no formato e na maneira de chegar ao público, e sem a pretensão primeira de se firmar como fenômeno dissidente e decolonial, torna-se, no encontro com a tradição oral, mais uma atualização ancestral para contar histórias. Mais do que isso, para contar as nossas histórias, sob nosso ponto de vista, criando as próprias métricas e disseminando, a partir do mote da competição, vivências jovens, negras, indígenas, periféricas, femininas, LGBTQIAP+, PCDs, candomblecistas e tantas outras em suas diversas instâncias.

Nesse sentido, apresento neste texto algumas impressões e discussões sobre as vozes dos Slams no Brasil e sobre como se dá o trabalho coletivo de construção e manutenção de uma batalha, levando em consideração as potencialidades e dificuldades encontradas no caminho, com base na minha experiência como slammer e na coprodução do Slam das Mulé, no município de Camaçari - BA.

Slams no Brasil: a rua como aliada

Apesar de ter sido criado num bar de jazz em Chicago, o Slam adquire um caráter de urbanidade quando desembarca em São Paulo, e essa urbanidade se espalha facilmente pelo território nacional. Depois do ZAP!, que se organizava para acontecer em diferentes espaços, veio o Slam da Guilhermina, fundado em 2012 e realizado periodicamente na praça da estação de metrô Guilhermina-Esperança, Zona Leste Paulistana, inau-

gurando a tendência de reunir poetas para batalhar na rua e conquistar o público transeunte. Essa tendência foi se alargando regiões afora até chegar na Bahia, e foi assim que eu conheci o movimento e me encantei por ele, numa das primeiras edições do Slam das Mulé, em 2018. A rua teve e tem um valor crucial na dinâmica das batalhas por ser um espaço de transição de pessoas, sempre tem alguém escutando, nem que seja um pouquinho do que o poeta tem a dizer. Seguindo essa lógica, nunca haverá falta de público, pois se é inevitável passar pela rua, será igualmente inevitável passar pela poesia.

Essa mesma rua, com seus becos, ladeiras e encruzilhadas, serve de inspiração para o material textual e performático de cada poeta slammer. O tema é livre, não há restrições de assunto para o poema, mas é importante pontuar que o trabalho desses e dessas artistas é indissociavelmente ligado às questões sociopolíticas, econômicas e interpessoais que lhe atravessam, de modo que as particularidades do seu território não tem como ficar de fora. O povo tem sede de se apropriar dessa rua, onde moram os mais belos e contraditórios signos poéticos, onde gritam as desigualdades e violências, onde fica escancarado o lugar (ou o não-lugar) de cada um. Então, ao encontrar no Slam uma abertura pra expressar livremente seus sentimentos e inquietações, surgem os versos de combate, denúncia e desabafo, junto à tentativa de construir uma rede de afeto e acolhimento entre quem fala e quem escuta. Surge também a resistência pelas vias do amor, da comunhão, do abraço, do resgate da autoestima. Em três minutos, o poeta fica do tamanho da rua e ninguém percorre por ele sem se sentir expandido.

Alguns poemas são como gritos que saem direto do coração pro papel, ainda desesperados, sem nenhum tipo de filtro. A título de exemplo, trago um trecho da poeta paraibana Bixarte:

“(...) Na noite passada, ele chegava perto de mim
 Ele passava a mão no meu corpo e eu dizia:
 Deus, que ele leve meu celular
 E que eu não chegue em casa um corpo morto
 Pois eu não quero ser o motivo da minha mãe chorar
 (...)
 Mainha, eu te prometo que eu vou ser muito feliz
 O meu nome é Bixarte, eu não sou prostituta,
 Sou poeta e atriz (...)”

[Bixarte, 2021](#)

Outros são estrategicamente elaborados, com o uso da estética da poesia marginal, muitas vezes influenciada pela cadência do rap, para incluir dados, informações, notícias, fatos históricos e saberes ancestrais, dessa maneira fortalecendo a ideia do slam como ferramenta pedagógica e espaço alternativo de educação. Usam a forma a seu favor para mudar o curso da narrativa fornecida pela educação básica, pelo fundamentalismo religioso, pela mídia e por outros meios de controle social, como é o caso do baiano Sandro Sussuarana, idealizador do Sarau da Onça, neste poema:

“(...) O racismo é sutil, silencioso
 Mas ele tá sempre presente
 E nem adianta achar que se o “governo”
 for de esquerda vai ser diferente
 Não vai!
 Tá implícito nas linhas da Constituição
 Que diz que roubar é crime
 Desde que você não seja do alto escalão,
 nem branco (...)”

[Sandro Sussuarana, 2018](#)

Já alguns poemas apresentam uma lírica da autodefinição e da autoafirmação, o que se dá, nos versos da também baiana Eulina Vitória, a partir da ancestralidade que balança as estruturas ocidentais ao passo que sedimenta as re-existências negras na diáspora:

*“(...) sou a menina do vento
menina do vento eu sou
protegida pelas encruzilhadas
vou rodando na gira
nunca paro na vida
tenho dentro de mim uma pomba-gira (...)”*

[Eulina Vitória, 2022](#)

Bom, há também quem utilize de técnicas e estratégias de escrita e performance – momentos de silêncio e imitação da voz, uso articulado de figuras de linguagem e frases de efeito – para construir um poema na intenção de ganhar o público e os jurados, afinal, ainda se trata de uma competição, e existe todo um circuito no cenário do Slam que envolve diferentes tipos de premiações e participações em campeonatos estaduais, nacionais e mundiais. Mas, seja qual for o caso, a mesma observação é válida: ser slammer é uma aprendizagem calcada na prática e na coletividade. É o frio na barriga antes de começar, os aplausos, risos e lágrimas da plateia, o abraço da slammaster (pessoa que organiza e apresenta o slam) depois da apresentação, a segurança adquirida pela experiência, pelo contato com outros poetas, por formações oferecidas para a comunidade e todos os pormenores que só quem já foi num slam pode sentir. E todas essas camadas são fortalecidas pela rua e pelo povo que faz com que a rua conte sua história.

Slam das Mulé: as donas da rua

Como mencionei no tópico anterior, meu encontro de paixão com o Slam foi num Slam das Mulé, que acontece há quase cinco anos no mu-

nicípio de Camaçari – BA. Não foi o primeiro slam criado na Bahia, que já tinha o Slam da Onça desde 2014, o seu Slam das Minas desde 2017, entre outros expoentes, mas foi o primeiro que aconteceu mais próximo a mim, que não moro na capital Salvador e nunca tinha ouvido falar desse tipo de competição. É um slam das ruas, realizado primeiramente na Praça Abrantes, uma praça localizada no centro da cidade, porém estigmatizada e abandonada pelo poder público. Mas é também um slam que caracteriza um movimento crescente na cena literária brasileira: o protagonismo das mulheres.

Imagem: Rafael Rodrigues



De acordo com Juliana Valle, idealizadora e slammaster do Slam das Mulé, a vontade de fundar uma batalha de poesia surgiu da percepção de uma falta de espaço para que mulheres poetas e MCs expressassem sua arte nos eventos que eram abertos para a participação de todos e todas. A Praça Abrantes já funcionava como polo cultural alternativo, abrigando treinos de skate e basquete, ensaios a céu aberto de cantores e ban-

das, grafite nos muros e batalhas de rima, porém muitas meninas não se sentiam confortáveis o suficiente para participar. Pensando nisso, ela decidiu pesquisar e descobriu o mundo dos Slams, em especial os Slams das Minas, que vinham eclodindo pelo Brasil desde 2015 exatamente pelo mesmo motivo. Dentro dos Slams, apesar do largo número de mulheres participantes, eram poucas as que chegavam à final e as chances de ganhar o prêmio eram ainda menores. Tudo fez sentido. Como já existia uma ramificação do Slam das Minas no estado, e Juliana estava envolvida na época com um projeto de rap chamado “As Mulé”, foi batido o martelo sobre o nome e foi assim que a história começou.

No mesmo ano de sua fundação, o Slam das Mulé foi ao Slam BR 2018 (Campeonato Nacional de Poesia Falada) como representante da Bahia através da sua poeta campeã e eu tenho orgulho de ser essa poeta. Com o título de campeã baiana, tive a oportunidade de participar não só do Slam BR, mas também do 1º Torneio Nacional Singulares de Poesia, um campeonato exclusivamente para mulheres, pessoas trans e não binárias, e pude conhecer o potencial transformador de batalhas como essa.

Dentre as dores e delícias dessa estrada, destaco a luta pelo espaço da praça como um dos maiores enfrentamentos na manutenção do projeto, seja este espaço físico ou simbólico. Pensando no espaço físico, estar na lida de um slam era conviver constantemente com a dificuldade em conseguir um ponto de energia ou um toldo pra proteger os equipamentos, com a vigilância policial, o estereótipo da marginalidade e com a possibilidade de ter que interromper as atividades no meio da batalha, mesmo estando em território público. O espaço simbólico, por sua vez, nos colocava em conflito com um grupo masculino que se recusava a deixar a quadra livre pra realizar o evento, esbarrava com o skate nas poetisas, não demonstravam nenhum respeito pelo que estávamos construindo. Além disso, o contexto pandêmico que abalou o mundo e esvaziou as ruas entre 2020 e 2021 aprofundou esses abismos, de modo que o hiato foi inevitável e o Slam das Mulé só restabeleceu seu funcionamento em 2022,

mas dessa vez num espaço cultural parceiro, promovendo uma série de ações multiculturais a cada edição.

Aliás, essa é uma característica importante, que não se encerra no Slam das Mulé e nem mesmo nos slams femininos, mas tem uma grande participação deles. As batalhas quase sempre acabam se transformando em eventos multidisciplinares, promovendo discussões, debates, feiras de economia criativa, shows musicais, desfiles, exposições de arte visual e afins, proporcionando arte, cultura, lazer, entretenimento e educação para o seu espaço de atuação. É assim nos Slams das Minas pelo Brasil e é assim no Slam das Mulé. Foi assim na Praça Abrantes, para onde desejamos retornar, e é assim no NaLaje Multiespaço, lugar que abrigou o Slam no retorno pós-pandemia e durante o circuito de 2022. Não à toa, no slam descobri minha face produtora cultural e me tornei membro-organizadora dessa efervescência.

Uma vez de volta aos trabalhos, o Slam será novamente representado no Slam BR, dessa vez pela poeta Natali Mota, e vem erguendo coletivamente a Periferia Brasileira de Letras (PBL) – uma rede literária que reúne coletivos de oito estados do país, alimentada pelo conceito de políticas públicas saudáveis e pela construção de uma agenda política nesta direção. Na PBL, o conceito de saúde é imbricado à luta contra as desigualdades sociais, pois não há saúde possível sem equidade racial e de gênero, educação de qualidade, saneamento básico, direito à cidade, ocupação dos espaços públicos, respeito aos corpos, crenças e identidades. O diálogo com a rua e com as mulheres, então, se mostra extremamente necessário para avançar nas discussões.

A liberdade é revolucionária

No percurso deste texto, a palavra esteve no centro. Ela nos convoca à reflexão sobre como e por que nomear as coisas. O que é slam? O que é poesia? O que é liberdade? Como essas coisas estão conectadas e por que

é importante lutar por elas? Certamente há mais respostas numa batalha do que aqui nesta leitura, isso é fato, mas já é revolucionário poder escrever sobre essa prática e vê-la tomando outras proporções, invadindo as feiras literárias, produzindo antologias poéticas, sendo incluídas em planos de aula e produzindo uma espécie de cânone alternativo, uma verdadeira periferia brasileira de letras.

A liberdade de escrever sobre si e sobre sua ancestralidade, de levantar bandeiras e questionar verdades, é o que faz dos slams um agente social em plena atividade. A popularização dessa escola só é possível porque as periferias a desejam, as ruas a desejam e não estão dispostas a abrir mão desse território de ensino-aprendizagem, de fala e de escuta. O grito pela liberdade que só existe na luta, e a luta que só é viável com um pouco de poesia.

[Kika Sena](#) nos alerta em uma de suas performances mais emblemáticas: “(...) tacaram fogo na minha voz / logo / não puderam me conter (...)”. E não podem mesmo. Não há contenção. O que existe é o desejo de se esparramar por todos os cantos e fronteiras, num exercício de identificação e humanidade, e de tornar a rua efetivamente do povo. E assim dizendo, fica aqui o meu convite. Vamo num Slam?



Imagem: Lara Nunes

Referências:

<https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/360>

<https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/MaeBeataCritica-04Pedro.pdf>

<https://ponte.org/zap-slam-a-primeira-batalha-de-poesia-do-brasil/>

<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>

<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/slam-e-voz-de-identidade-e-resistencia-dos-poetas-contemporaneos/>

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/index.php?p=30895>

<https://www.brasildefato.com.br/2017/12/27/slams-movimentam-as-periferias-de-salvador-ba>

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS, MULHERES E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Isadora Escalante, Rede Baixada Literária

“Memória... Através dela daremos livros, livros a-mãos-cheias, a todo o povo. O livro, bem sabemos, é o tijolo com que se constrói o espírito. Fazê-lo acessível é multiplicar tanto os herdeiros quanto os enriquecedores do patrimônio literário, científico e humanístico, que é, talvez, o bem maior da cultura humana” (Darcy Ribeiro).

Brasil. Rio de Janeiro. Baixada Fluminense.

Esse é o lugar. Marcado por um padrão geográfico segregacional que se consolidou de forma nítida e ampla ao longo dos anos, imperando a expressão “Baixada para os de baixo”³. Nós somos “os de baixo”. E, nesse contexto, a Baixada Fluminense (BF) atravessa o século XIX e XX suportando diversas crises econômicas, transformações espaciais sem uma composição sólida de infraestrutura e políticas públicas de Estado, o que fez da região conhecida como “cidades-dormitório”.

A comunidade faz sua própria cultura e ela não está no campo do imaginário. São pessoas reais que compartilham nesse espaço em comum, as experiências, os sentimentos e seus projetos para um futuro melhor. Pertencem simbólica e fisicamente às esferas dos direitos e deveres, sem fugir de suas responsabilidades sobre a construção de seus rumos. Do encontro de famílias, vizinhos e lideranças locais resultam as produções de sentido para o bem-viver. Por isso, as práticas sociais em ação geram processos mais dinâmicos de participação em tudo o que ali acontece.

O município de Nova Iguaçu é um exemplo do esforço coletivo dos atores dessas comunidades que estão à margem do centro. Para nós, não

³ Esse texto foi originalmente publicado no site do Le Monde Diplomatique Brasil, em parceria com o Radar Saúde Favela e a Periferia Brasileira de Letras.

é cidade-dormitório, mas sim, Cidade-Poesia. Onde todos os dias pelo menos 22 mulheres acordam dispostas a encantar alguém por meio da literatura, crendo que esta deve ser entendida como um direito humano bem como ensina Antonio Candido. Essas mulheres integram a Rede Baixada Literária que surgiu em 2009 com a missão de democratizar o acesso ao livro e leitura de qualidade na Cidade-Poesia.

Apesar da efervescência cultural na cidade, o cenário que se coloca é de apenas uma Biblioteca Pública localizada no centro do município, de difícil acesso aos moradores de áreas mais distantes e que muitas vezes necessitam de mais de uma condução para chegar lá. Além disso, é notória a concentração de recursos públicos direcionados para ações e outros equipamentos culturais no centro da cidade, excluindo ou dificultando o acesso dos moradores das periferias.

Na contramão dessa perspectiva, as bibliotecas comunitárias se mostram como um respiro à todos aqueles que buscam usufruir de ações culturais, sobretudo como forma de resistência ao que está ausente, precário ou escasso nas condições materiais que as tornam possíveis. Cada espaço é singular e assume características próprias de seus locais, legitimados pelas necessidades advindas de suas realidades. É nesse ambiente que emerge uma riqueza exponencial de potencialidades para a formação de famílias leitoras e possibilidades de interação entre os moradores da região e das adjacências, o que torna esse espaço viável para a efetivação de práticas emancipatórias por meio da literatura.

Ancorada nesta proposta e incentivada pelo Programa Prazer em Ler (PPL) do Instituto C&A desde 2006, a proposta inicial da Rede Baixada Literária era ser um grande movimento de bibliotecas comunitárias que abarcasse toda a Baixada Fluminense, parte daí o nome “Baixada Literária”. O sonho foi se transformando a partir da reflexão de que cada município da BF tinha suas particularidades, principalmente, no que diz respeito à luta por políticas públicas do livro que dependem do contexto

local para serem implantadas, efetivas e executadas. Diante dessa dificuldade, optou-se em uma decisão coletiva de que o movimento fosse organizado restritamente em Nova Iguaçu, que por si só já é uma cidade geográfica e populacionalmente gigante.

Em 2010, a organização do “Polo” Baixada Literária reunia seis bibliotecas comunitárias. Conforme o movimento foi se expandindo, mais interessados em formar bibliotecas em suas comunidades foram se entusiasmando. A equipe apoiava com formações, mobilização de doações de livros, organização do espaço físico, com métodos de classificação e catalogação do acervo, além de um plano de trabalho estruturado para a sustentabilidade desses espaços.

Foi se consolidando uma grande Rede no território com um movimento literário que integrava vários atores em prol do livro, leitura, literatura e bibliotecas. Organizada sob os aspectos da Gestão Compartilhada, a Rede Baixada Literária está orientada pelo protocolo de gestão que define a participação de todas as integrantes no planejamento, na execução financeira e na prestação de contas de seus projetos. Até hoje está orientada também pelos outros 8 eixos que compõem o PPL, sendo eles: mediação, espaço, acervo, enraizamento comunitário, articulação, mobilização de recursos, comunicação e incidência em políticas públicas.

A paixão pela leitura se tornou tão imensa que crianças leitoras que frequentavam as bibliotecas comunitárias hoje são grandes mediadoras de leitura. Elas são provas vivas de que a literatura é uma ferramenta de transformação e precisa ser entendida por todos como um direito humano. Trabalham para que novos leitores sejam (trans)formados por meio de atividades literárias que estimulem a imaginação, despertem o interesse na leitura e na escrita, e, principalmente, ofereçam o direito à sonhar.

Essas atividades foram pensadas a partir de metodologias específicas para a promoção da literatura. Dentre elas, estão: os Jogos Literários –

atividades que incluem o livro e a literatura em jogos de tabuleiro e populares, por exemplo: batalha naval, dominó, bingo humano, corrida do livro, pique bandeirinha literário, amarelinha literária e outras. Há ainda, performances literárias, clubes de leitura, cortejos literários, leitura compartilhada e o baú de histórias. Além destas, são produzidas atividades coletivas como Saraus, Acampe Literário, Bate-papo com autores e ilustradores, Ocupa Literatura, Correio Leitor e outras oficinas de escrita criativa, cartonera, dedoche e marcador de página. Mensalmente são realizados Fóruns Comunitários cujo objetivo é promover a participação social dos moradores nos processos de planejamento, execução, monitoramento e avaliação das ações das bibliotecas e das políticas públicas do município. A intenção com todas as atividades é que as histórias sejam ouvidas, contadas e representadas por todos os cantos.

Durante esses anos as mulheres que integram a Rede buscaram aprimorar o seu trabalho, investindo na adequação dos espaços físicos, na organização e qualificação do acervo literário, na formação da equipe, na articulação, no enraizamento comunitário, na comunicação, na gestão compartilhada e principalmente na Incidência política. De 2011 a 2014 dedicou esforços e estabeleceu parcerias para elaboração do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas, aprovado na lei 4.439 em novembro de 2014, o primeiro do país com dotação orçamentária. Criou a Parada do Livro, um ato de mobilização em torno do livro e da leitura e também de reivindicação do cumprimento das metas do PMLLLB. Os protagonistas dessa ação são os leitores das bibliotecas comunitárias que produzem músicas, poesias, cartazes e fantasias para uma passeata nas ruas do calçadão. A participação da minha gente é a prova da importância desses espaços nos bairros, demonstra a razão da leitura ser parceira da cidadania.



Imagem: Acervo Particular Rede Baixada Literária

Nesse percurso, a Rede têm uma longa caminhada na articulação com o poder público e agentes culturais, participando em espaços decisórios (Fóruns e Conselhos) a nível municipal e estadual, articulando-se com universidades, profissionais de diversos segmentos da Cultura, Educação, Sistema de Garantia de Direitos e, principalmente, com as comunidades ao entorno das Bibliotecas Comunitárias. É uma trajetória de ativismo em prol da luta pela garantia de Direitos, em especial do Direito Humano à Literatura, considerando os grandes desafios enfrentados nesse contexto no território de atuação.

Garantir que a Literatura seja uma Política Pública efetiva é um grande desafio, pois não depende exclusivamente da ação de agentes culturais, mas também da iniciativa do poder público. Nesse sentido, a busca de ampliar o raio de abrangência do coletivo nas demais Unidades Regionais de Governo (URGs) do município está relacionada com o desejo de envolver outros atores culturais da cidade por meio da incidência em políticas públicas, contribuindo para que o planejamento das ações seja mais democrático e participativo. Sabendo que essa é uma causa maior, desde 2015 mais de 100 bibliotecas comunitárias es-

palhadas por 4 regiões do país articulam a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) para dar dimensão nacional ao trabalho de base.

A ideia do coletivo é quebrar o paradigma incutido no imaginário popular de que as bibliotecas precisam de ser lugares sóbrios, distantes, um tanto quanto burocráticos no qual imperam o isolamento e o silêncio. Mostrar que as bibliotecas são vivas. Embora hajam aqueles que ainda tentam passar a mensagem de que “pobres não leem” como justificativa para taxar os livros, a Rede se apresenta no combate desta falácia com um acervo diverso, amplo e plural que dialoga com diversos temas, como igualdade de gênero, questões raciais, LGBTQIA+, de 20 bibliotecas comunitárias para mais de doze mil leitores, de todas as idades que mesmo depois de uma pandemia continuam participando ativamente das bibliotecas.

Um instrumento basilar usado estrategicamente nas práticas e ações culturais promovidas nas bibliotecas comunitárias da Rede Baixada Literária é a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). Por meio da leitura literária e da garantia do acesso à informação, a Rede apoia os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), pois crê que aliando as metas dos ODS à missão de promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, é possível empoderar meninas e mulheres, reduzir as desigualdades, lutar pelo direito à saúde, proteger o planeta e garantir que as futuras gerações desfrutem de paz e prosperidade.

Pelo incessante trabalho dessas mulheres sonhadoras, da intensa participação social e pela (re)existência das bibliotecas comunitárias, a Rede Baixada Literária tem conquistado o seu espaço na Baixada Fluminense e no Brasil, sendo bastante premiada regional e nacionalmente. Em 2018, ganhou o Prêmio IPL – Retratos da Leitura na categoria “Bibliotecas como iniciativas exitosas na formação dos leitores”, o 23º Concurso FNLIJ: Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura Junto a

Crianças e Jovens de Todo o Brasil em Terceiro Lugar e Menção Honrosa em 2019 no Programa de Incentivo à leitura FNLIJ. Já em 2022, foi homenageada no Festival de Literatura Infantil do Patronato, condecorada com menção honrosa pelo Conselho Municipal de Defesa do Direito do Negro (COMDEDINE) e premiada com o Diploma Heloneida Studart de Cultura da ALERJ. Soma-se a essas conquistas, a participação na Periferia Brasileira de Letras (PBL) que, juntamente com outros coletivos literários de regiões distintas empenhados em democratizar as diversas formas de fruição literária, fortalece a territorialização de políticas públicas saudáveis na cena nacional.

Esse reconhecimento é fruto de laços fortes de uma Rede cuja identidade coletiva foi fundada pelas relações comunitárias em torno da leitura, pelos círculos de pertencimento desses espaços em ação da comunidade e não para a comunidade, e, sobretudo, pelo enfrentamento destemido em busca da igualdade e justiça social para a transformação necessária do mundo. É na luta que a minha gente se encontra e de mãos dadas vence as pequenas-grandes batalhas.

O QUE TÁ PEGANDO



Imagem: Paulo Roberto

Através da compilação de notícias, de relatos de moradores, do acompanhamento e interlocução com os serviços de Estratégia de Saúde da Família e da rede de ensino público, além de textos de especialistas e pesquisadores, este espaço dá visibilidade aos acontecimentos do momento nas favelas e periferias.

OCUPA LITERATURA NA BAIXADA FLUMINENSE! - NOVA IGUAÇU, SÃO JOÃO DE MERITI E DUQUE DE CAXIAS SÃO PALCOS DA AÇÃO CULTURAL

Rede Baixada Literária

Equipe do Projeto Ocupa Literatura



Imagem: Acervo Projeto Cultural Ocupa Literatura na Baixada Fluminense

O projeto cultural Ocupa Literatura na Baixada Fluminense está sendo promovido pela Rede Baixada Literária, coletivo de 20 bibliotecas comunitárias que atua em Nova Iguaçu há mais de dez anos em prol da democratização do acesso ao livro e à leitura literária de qualidade, e coordenado pela Associação Comitê Ponto Chic (ACOPC). A ideia do projeto é ocupar com Literatura diferentes espaços e incentivar a leitura literária nos territórios por onde passa. Dessa vez, serão três territórios da Baixada Fluminense beneficiados com a ação: Nova Iguaçu, São João de Meriti e Duque de Caxias.

Esse projeto, patrocinado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa por meio do Edital Retomada Cultural RJ 2, além de contribuir com a difusão artística e literária nos municípios onde serão realizadas as ações por meio de encontros, apresentações artísticas e oficinas, fortalece os demais coletivos baixadenses parceiros da Rede Baixada Literária em diferentes segmentos da cultura e valoriza leitores, autores e fazedores de cultura das comunidades.

Em todos os Ocupas serão realizadas as atividades de mediação de leitura, jogos literários, poesia ao pé do ouvido, chuva de poesia, libertação de livros, balões poéticos, oficina de marcadores de página e oficina de dedoche de autores da baixada fluminense. A realização desse evento é de extrema importância, sobretudo pelo momento atual marcado pelo distanciamento pós-pandêmico, uma vez que fomenta as ações literárias em bairros periféricos cuja população sofre com os altos índices de vulnerabilidade social, expandindo uma ação que já acontece em Nova Iguaçu para outros municípios. Em contrapartida, ainda envolve atores sociais de outros segmentos culturais.

Bate-papo com autora Hanny Saraiva em Nova Iguaçu



Imagem: Acervo Projeto Cultural Ocupa Literatura na Baixada Fluminense

O projeto conta com artistas remunerados e voluntários, todos envolvidos no planejamento das atividades. A execução dessa ação acontecerá na sede da Associação Comitê Ponto Chic (ACOPC), em Nova Iguaçu, no dia 19/11/2022; no Centro Cultural Nossa Casa, em São João de Meriti, no dia 03/12/2022; e na Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva, em Duque de Caxias, no dia 07/01/2023. Sem restrição de público, estão convidados: crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos moradores dos bairros e adjacências onde os espaços estão localizados, frequentadores dos espaços.

Além das atividades de mediação de leitura, oficinas literárias e jogos literários, em Nova Iguaçu, aconteceu uma Oficina de Teatro em parceria com a Villelarte Produções, um bate-papo com a autora iguaçuana Hanny Saraiva e uma apresentação de dança da Lilian Lopes.

Libertação dos balões poéticos



Imagem: Acervo do Projeto Cultural Ocupa Literatura na Baixada Fluminense

Já em São João de Meriti, no Centro Cultural Nossa Casa, foi promovido um show da Trupe Abra Coco, um bate-papo com a autora meritiense Nice Neves e uma oficina de Grafite com o artista FML graffiti.

Oficina de Graffiti com FML



Imagem: Acervo Projeto Cultural Ocupa Literatura na Baixada Fluminense

Em Duque de Caxias será realizada em 2023, na Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva, uma mediação de leitura por Shirley Garrido, um bate-papo com a autora Andreia Marques e uma Oficina de Ilustração com Carla Silva.

O Ocupa Literatura apresenta resultados exitosos principalmente por tornar popular e acessível à literatura por onde passa. Com suas mais diversas atividades literárias, aproxima o leitor dos autores, possibilitando o incentivo à escrita criativa; despertam a criatividade, desenvolvem a imaginação e deixam em quem participa a vontade de transmitir o que aprenderam, provoca um misto de sentimentos aos espectadores além de valorizar os profissionais que trabalham nos territórios. Em todos esses momentos, a literatura é o elo que conecta todas essas linguagens artísticas.

A Rede Baixada Literária, principal responsável por esta ação, tem como base os ensinamentos de Antônio Cândido que defende a luta pela Literatura como Direito Humano, fundamental para o desenvolvimento da sociedade. Essa perspectiva possibilita identificar e contribuir para a projeção de indivíduos marginalizados dado ao território que ocupam, além de vistos pela lógica das ausências. O funcionamento ativo das bibliotecas nas diferentes centralidades do município busca, ao longo de mais de uma década, apostar e fortalecer as potências dos moradores nos quais os espaços estão inseridos.

Balões poéticos em Tomazinho – São João de Meriti



Imagem: Acervo Projeto Cultural Ocupa Literatura na Baixada Fluminense

Por ser uma ação cultural essencialmente planejada para locais afastados dos grandes centros, o Ocupa Literatura é sempre muito aguardado e bem-vindo aos moradores das periferias. Perpassa as cadeias mediadora, criativa e produtiva do livro, tornando-se uma ação de grande abrangência literária que atinge todos os públicos e os incentiva a querer mudar a realidade de onde vivem. Estimula o pertencimento quanto a querer fazer e produzir cultura dentro do território. É reconhecida por ser um importante caminho para o combate a desigualdade social e demais formas de opressão, garantindo a representatividade e a participação coletiva. Não à toa, em 2018, essa ação foi finalista no 23º Concurso FNLIJ: Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura Junto a Crianças e Jovens de Todo o Brasil.

BOM JARDIM LITERÁRIO: RESILIÊNCIA DA LITERATURA NAS FAVELAS DE FORTALEZA

Marcos de Sá, integrante do Coletivo Periferia que Lê



Imagem: Acervo Coletivo Periferia que Lê

Imagine uma rua de favela. O que vem à sua mente? Casas mal estruturadas? Paredes com siglas de facções ou frases do tipo “tire o capacete”? Lama escorrendo por meandros onde o calçamento não passou? Funk tocando de um lado e louvores do outro em alto volume? Pessoas fumando na calçada? E um adolescente lendo um livro, imaginou?

Nas ruas do Bom Jardim, bairro onde se concentra uma das maiores periferias de Fortaleza (CE), nos deparamos com geladeiras em calçadas causando um contraste, e não é carne ou leite que encontramos nelas, apesar da necessidade diária da comunidade que não depende de filosofias para encher o prato, mas é algo bem significativo, diria até que libertador e necessário: Livros.



Imagem: Acervo Coletivo Periferia que Lê

O projeto Periferia que Lê, nasceu no início de 2020 junto com a pandemia do COVID-19 no Brasil, quando o educador social, Marcos de Sá, morador do bairro há vinte e cinco anos, deu início a um projeto de doação de livros em uma instituição na qual era voluntário. Com o isolamento social e diante da impossibilidade de dar continuidade ao trabalho, criou o Instagram @periferiaquele apenas com o intuito de avisar a comunidade que havia livros em uma plataforma implantada em um terminal de ônibus, no qual ele depositava o que havia restado das primeiras doações. O inusitado foi que, a própria comunidade apontou para Marcos sobre o desejo de ter esses livros mais próximos e surgiram espontaneamente os primeiros doadores, de livros e serviços, como o pintor Fernando, morador do bairro, que doou a primeira geladeira e o serviço de pintura da mesma.

Desse ponto, o projeto ganhou proporção em outras ações como o surgimento de outras duas geladeiras literárias (chamadas geladotecas), coleta de livros, informativos impressos ressaltando reflexões e textos poéticos produzidos por artistas locais, criação de blog, e até mesmo o nascimento de um coletivo literário revelando vinte vozes na

literatura dentro da própria comunidade, o Periferia que Escreve, que produziu a antologia “Somos a periferia que escreve”, composta por 47 textos com poemas, contos, crônicas e artigos.

Os títulos dos projetos foram escolhidos, segundo Marcos, como uma necessidade de afirmação. “Somos ainda invisibilizados na linguagem da literatura, assim como em tantas outras que exercem o papel de poder através da voz, escrita, falada ou cantada, e precisamos antes de mais nada afirmar que lemos, escrevemos e produzimos boas artes, em uma sociedade que aprendeu a dizer que não. A desigualdade social afeta o acesso às oportunidades e a autoestima, às vezes é como escalar uma montanha que está deslizando lama o tempo inteiro, e acreditar que o pico também é nosso, apesar da subida ser bem desgastante”.

A ação com as geladotecas, apesar de não ser inovadora, foi o que democratizou o acesso à leitura no Bom Jardim, principalmente em tempos pandêmicos, foram chegando depoimentos e procuras através das redes sociais, o que confirmou a importância de projetos assim dentro das periferias. Em 2021, o Periferia que Lê recebeu um espaço em uma associação local para montar uma biblioteca comunitária, e mais uma vez com a ajuda da comunidade e de algumas ações foi conquistado um vasto acervo de livros, estantes e algumas mesas. A biblioteca foi montada, ainda com muitas necessidades, e se uniu ao movimento Biblioteca Nazaria, o qual reuniu 12 bibliotecas comunitárias na cidade de Fortaleza, com as mesmas buscas de manutenção. Essa mobilização aconteceu nos anos de 2021 a 2022, onde ocuparam a câmara de vereadores e a SECULTFOR (Secretaria da cultura de Fortaleza) a fim de conseguirem um recurso que mantivessem essas demandas e o funcionamento das bibliotecas, o que não aconteceu até agora, de início prometeram apoio e atenção às causas, mas por fim criaram uma cortina de fumaça culpando uma e outra secretaria, e assim não deram nenhuma importância no desenvolvimento e conclusão. Wesley Farpa, da Biblioteca Adianto, afirma que “o funcionamento dessas bibliotecas reduziria o número de crianças que são todos os dias aliciadas pelo cri-

me, dando a elas uma nova expectativa”. Algumas das bibliotecas que estavam inseridas no projeto tiveram que fechar suas portas ou reduzir as suas atividades, sendo que não há recursos e nem apoio para o funcionamento das mesmas, como contas de água, luz e internet, manutenção do espaço, aquisição de materiais para as atividades, pagamento das pessoas responsáveis (que precisam de trabalho remunerado para sobreviver e acabam priorizando outras atividades que lhe dão sustento e colocam os projetos sociais como secundários diante da realidade dessa falta de incentivo), e as que mantêm suas portas abertas sobrevivem de apoio da própria comunidade e alguns editais (quando há).



Imagem: Acervo Coletivo Periferia que Lê

Os espaços de leitura dentro das periferias é um contraste que faz toda a diferença. O Brasil já foi rotulado muitas vezes como um “país que não lê”, o que não deixa de ser relativamente uma verdade mediante a desestrutura no incentivo à educação e das políticas públicas existentes, como a Lei Castilho (Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018) que em seu Artigo 3º, cláusula IX, diz ter como objetivo “incentivar a criação e a implantação de planos estaduais, distrital e municipais do livro e da leitura, em fortalecimento ao SNC (Sistema Nacional de Cultura)”, mas não é o que vemos na prática como no exemplo da ausência dos órgãos responsáveis em executar leis que fortaleçam as bibliotecas comunitárias e as ações nas áreas mais subdesenvolvidas no âmbito da arte e da cultura.

O Periferia que Lê também realiza ações pontuais de contação de histórias, atividades de pintura e desenho e distribuição de livros como presentes para as pessoas da comunidade, realizados em espaços abertos e na biblioteca. É um projeto que se mantém sem nenhum apoio governamental e sobrevive apenas por doações de moradores e outras pessoas de outros estados que doam e incentivam as atividades propostas. Os desafios são constantes, o trabalho não é só entregar um livro e pensar que tudo mudou. A principal ação é acessibilizar esses livros à comunidade, mas também pensar em estratégias que mexa nessa estrutura do “não gosto de ler livro”, mostrando que a leitura não é apenas um hobby, mas uma escolha libertária.

“Certo dia, uma criança de aproximadamente oito anos, levantava-se constantemente do chão no meio da roda de leitura sem pedir licença, ia até a recepção da instituição e trazia biscoitos que enchiam a mão. Ela voltava a sentar e quando aquela remessa acabava, repetia o mesmo percurso. O orientador não querendo interromper a leitura, mas se sentindo incomodado com aquele movimento interveio: ‘Oi, o horário do lanche já acabou, então sente-se conosco e vamos desfrutar da leitura?’. O que para a sua surpresa teve como resposta: ‘Tio, isso aqui não é mais o meu lanche, é o meu almoço. A mamãe mandou eu

comer o quanto eu pudesse porque não vai ter comida de novo lá em casa'. Ele respondeu: 'Tudo bem', e com a voz embargada, continuou a leitura como se não houvesse escutado aquilo. A verdade é que eu escuto até hoje". Esse é um relato verdadeiro de Marcos quando decidiu se dedicar aos projetos sociais de apoio a leitura. "Duas ou mais refeições são necessárias todos os dias para a sobrevivência, mas a educação e a leitura são os alimentos capazes de quebrar esse ciclo. Os acessos que podem fazer alguém entender e lutar pelos seus direitos e decidir: não aceito viver essa história que sempre contaram por mim. Eu vou contar a minha história".



Imagem: Acervo Coletivo Periferia que Lê

EXPEDIENTE

Elaboração

Cooperação Social da Fiocruz

André Lima

Fábio Araújo

José Leonídio Madureira

Mariane Martins

Ensp | Fiocruz

Roberta Gondim

EPSJV | Fiocruz

Carlos Eduardo Batistella

Colaboradores nesta Edição

Edson Santana

Isadora Escalante

Jucelino Sales

Lara Nunes

Luiz Eduardo de Almeida Souza

Marcos de Sá

Patrick Abreu

Rafael Rodrigues

Movimentos Sociais, Coletivos e Instituições

Coletivo Papo Reto - Brasília

Coletivo Periferia que Lê

Coletivoz Sarau de Periferia / Belo Horizonte

Periferia Brasileira de Letras

Rede Baixada Literária / Nova Iguaçu - Rio de Janeiro

Slam das Mulé - Camaçari - Bahia

Unegro - União de Negros e Negras pela Igualdade

Projeto Gráfico

Mariane Martins

Diagramação

Paulo Roberto de Oliveira Ribeiro

Equipe Radar Saúde Favela

Emerson Baré

Fábio Araújo

Fábio Mallart

Luciene Silva

Mariane Martins

Paulo Ribeiro

Taís de Amorim



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz